

25 CIDADES



Gustavo Moreno/Especial para o CB/11.7.06

ABASTECIMENTO

Salette Ribeiro (foto) é uma das centenas de donas-de-casa que cronometram, segundo a segundo, o tempo dedicado diariamente aos banhos, lavagem de louças e de roupas. Na Vila São José, onde ela mora, a população depende do comércio ilegal de água.

PÁGINA 27

CORREIO BRAZILIENSE

BRASÍLIA, SÁBADO, 15 DE JULHO DE 2006
Editora: Samanta Sallum//
samanta.sallum@correioweb.com.br
Subeditores: Ana Paixão, Carlos Tavares,
Roberto Fonseca, Rovênia Amorim
e Valéria de Velasco
Coordenadora: Tais Braga//
tais.braga@correioweb.com.br
E-mail: cidades@correioweb.com.br
Tels. 3214-1180 • 3214-1181
Fax: 3214-1185

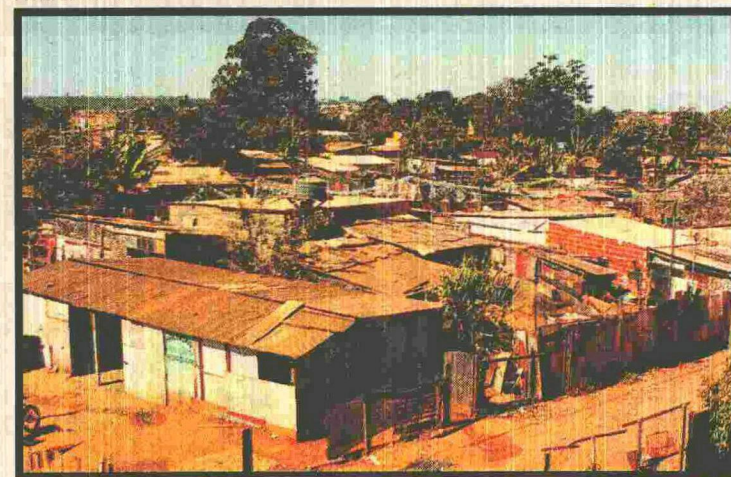
DESORDEM URBANA

DF - BRASÍLIA

Relatório divulgado pela Organização das Nações Unidas revela que o número de pessoas vivendo em condições precárias no Distrito Federal aumentou 398% em 10 anos. Foi o maior crescimento do país

Cinco vezes mais favelas

Fotos: Carlos Vieira/CB



LOCALIDADES COMO A ESTRUTURAL ABRIGAM HOJE CERCA DE 70 MIL PESSOAS

ÉRICA MONTENEGRO

DA EQUIPE DO CORREIO

A cidade que nasceu planejada e já foi modelo mundial de arquitetura e urbanismo não escapou ao fenômeno global da favelização. Dados nacionais sistematizados para compor o relatório Habitat 2006, divulgado há um mês pela Organização das Nações Unidas (ONU), mostram que, entre 1991 e 2000, o número de pessoas vivendo em condições precárias de moradia no Distrito Federal cresceu exatos 398%. O índice coloca Brasília como a capital brasileira

que mais se "favelizou" entre o período de 1991 a 2000. Em segundo lugar, está João Pessoa (PB) – com crescimento de 265% na população de "favelados" – e, em terceiro, Salvador (BA) – com aumento de 179% (confira lista na página 26).

No início da década de 90, havia 5,7 mil pessoas vivendo em áreas ilegais e sem urbanização completa no DF. Em 2000, data do último censo feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), elas já eram 28,4 mil – quase cinco vezes mais. Apesar de não haver estatísticas que mostrem o

fenômeno da favelização nos últimos seis anos, a própria Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação (Seduh) estima que pelo menos 70 mil pessoas vivam hoje em condições precárias de moradia.

O aumento é explicado pelo surgimento de novas invasões, como o Itapoã, que já tem mais de 50 mil moradores, e o crescimento das que já existiam quando a última contagem da população foi feita. "O Itapoã, por exemplo, ainda nem tinha sido criado quando fizemos o último censo. A Estrutural também era bem menor do que

hoje", explica o diretor do IBGE-DF, Walker Moura. As informações do instituto serviram de base à elaboração do documento divulgado pela ONU.

Próximos da capital

Para Walker Moura, a explosão das "favelas" brasilienses é explicada pela falta de oferta de lotes para a população de baixa renda combinada ao potencial de atração que Brasília, capital do país, continua a exercer sobre os moradores de outros estados. "Muita gente ainda chega aqui com a esperança de ganhar a vida. Sem renda, eles vão viver em constru-

ções precárias, em áreas invadidas. É a estratégia que encontram para estar perto das benesses de Brasília", considera. Ele destaca que o Plano Piloto – área central da cidade – é cobiçado por toda a população do DF, e que, desta forma, é onde os migrantes tentam se fixar.

Segundo o Habitat 2006, as condições do endereço implicam dificuldades diversas para a vida prática das pessoas. Quem vive em favelas passa mais fome, tem menos educação, menos chance de conseguir um emprego no setor formal e adoce mais do que o res-

to da população, aponta o documento. "Endereço é destino. E, isso é mais presente ainda no DF porque a cidade está setorizada de acordo com classes sociais", afirma o arquiteto e urbanista Frederico Flósculo, professor da Universidade de Brasília (UnB). Para ele, as más condições de moradia acabam perpetuando o ciclo de pobreza: "É uma situação de aparte social que vai sendo repassada de geração para geração".

LEIA MAIS SOBRE
FAVELAS NA

PÁGINA 26